

Nota do Autor

Em maio de 1940, os Países Baixos renderam-se à Alemanha, após uma batalha intensa. O Governo exilou-se na Grã-Bretanha e os Países Baixos caíram nas mãos de Hitler. À semelhança do que estava a acontecer em França, iniciaram-se tentativas para estabelecer contacto com a resistência, porém, apenas em março de 1942 alguns paraquedistas foram lançados no território ocupado — fruto de uma colaboração entre o Governo holandês exilado e a Grã-Bretanha.

Os paraquedistas, após aterrarem, comunicavam através de radiotransmissores para a Grã-Bretanha e estabeleciam-se novos pontos para a entrega de armas e de mais agentes. Dessa forma seriam formadas vastas redes de espiões e seria dado apoio à resistência. Tudo com um único intuito: facilitar o desembarque dos Aliados nas praias dos Países Baixos.

Porém, nos meses finais de 1943, uma misteriosa mensagem codificada alterou os planos dos Aliados e, como sabemos, o desembarque veio a ocorrer nas praias da Normandia. A misteriosa mensagem continua a ser, até hoje, um dos maiores mistérios daquele que foi o jogo de espionagem mais mortífero da Segunda Guerra Mundial — *Englandspiel*.

DANIEL PINTO

Tudo isto faz parte da história e não descobri nenhuma nova informação que não esteja nos livros. E o que se segue é ficção.

Porém, as seguintes páginas poderão andar perto da verdade...

Primeira Parte

O SACANA

Capítulo Um

Casablanca, Marrocos

O desastre que se seguiria nunca teria lugar se Ahmed Levin não tivesse apanhado tamanha piela numa tarde daquela quente primavera de 1940. Levin gozava o estatuto de *chef* principal no Golden Bar & Grill, um bem frequentado e moderno espaço onde as refeições servidas eram de comer e chorar por mais, e as empregadas de mesa causavam dores no pescoço aos homens. Sobretudo aos solteiros, que os casados queixavam-se sempre de mais qualquer coisa.

Frederic, o proprietário, empurrou Levin cozinha adentro debaixo de um severo raspanete. Levin, ainda de cerveja na mão, cambaleou até ao seu posto. Não era segredo nenhum que o sucesso do Golden se devia aos pratos deliciosos confeccionados por Levin e, por esse mesmo motivo, Frederic acabava por tolerar as bebedeiras do *chef*. Viria mais tarde a admitir que esse fora o seu maior erro.

A noite estava quente e os pedidos entravam furiosamente na cozinha. Saladas para ali; tartes para acolá. Ah, não podia faltar a especialidade do *chef*. Duas espetadas de carne servidas numa base flamejante de barro. E enquanto Levin despejava o álcool para o recipiente que serviria de base para as fabulosas espetadas, um acontecimento no mínimo aziago traçou-lhe o destino. Ver-teu o álcool para o fogão a gás e um mar de chamas tomou conta da cozinha.

Frederic — numa pilha de nervos e embaraçado — acudiu com um pequeno extintor. A noite estava arruinada. Depois, da mesma forma como se enxota um cão sarnento, Frederic correu com Levin ao pontapé.

Não conseguindo dar dois passos a direito, Levin encostou-se a uma esquina. Ao fundo, camuflado no breu da noite, o Atlântico rugia sobre a marina de Casablanca. As estrelas brilhavam como nos filmes e a brisa fresca levou Levin rua acima. Parou diante do bar onde todos queriam entrar. O dono era um americano que encontrara em Casablanca o sossego que os Estados Unidos não lhe davam. E, pelo que Levin sabia, também encontrara o amor. Esforçando-se por não cambalear, ajeitou a camisa e entrou no Royal's Bar.

Cheirava a *jazz*, *cocktails* e ao deserto. As luzes no teto cambiavam entre o roxo e o amarelo. O foco principal incidia no palco, onde um quarteto de *jazz* interpretava o tema de um músico bastante conhecido. Levin passou os olhos pela pista de dança, mas só encontrou quem procurava quando pediu o famoso *deep blue sea martini*. Sem espuma.

Ela sorriu-lhe de volta e acompanhou-o em mais três ou quatro *cocktails*. Brindaram aos compatriotas judeus que eram chacinados por toda a Europa. Depois, dançaram como loucos e imaginaram-se a contar as estrelas no céu. Ahmed Levin quis pedi-la em casamento, mas a ebriedade trocou-lhe as palavras por frases e manhas mais atrevidas. Fruto da sorte, ou do azar, ela aceitou passar a noite com ele. Deixaram o Royal's Bar pelo próprio pé, agarrados um ao outro. Ahmed Levin nunca mais seria visto.

Deram pela falta dele na manhã seguinte, quando uma das empregadas de mesa do Golden estranhou o seu atraso. Depois de uma noite de bebedeira, era o primeiro a aparecer. Remorsos, dizia ele. Mas a manhã passou-se sem que o melhor *chef* de Casablanca desse sinais de vida. E, então, os primeiros rumores foram chegando. Havia quem dissesse tê-lo visto entrar num carro de vidros fumados, acompanhado por uma bela marroquina de tranças cor de ouro. As mesmas vozes viriam, mais tarde, a ser desmentidas, quando uma prostituta afirmou tê-lo visto embarcar no último comboio com destino a Marraquexe. Curiosamente, ela não falou em nenhuma marroquina de tranças cor de ouro, mas antes num homem de fato cor

de morte. Apesar de todos os rumores que correram por Casablanca — dos casinos aos bares de alterne, dos simples restaurantes até aos bares mais exóticos —, Ahmed Levin parecia ser, agora, somente uma recordação.

A curva descendente do Golden, previsivelmente, não se fez esperar. Encontrar um paraquedista no meio do deserto era bem mais fácil do que arranjar um excelente cozinheiro. E, por causa disso, a clientela começou a escassear, como a água de uma bica velha e ferrugenta. Frederic vendeu parte do restaurante a um dos poucos judeus que ainda podiam gerir um negócio em Casablanca — o regime de Vichy fora lesto em adotar o antissemitismo do pequeno homem de bigode que comandava o Terceiro Reich. Forçado ainda assim a puxar os cordões à bolsa para manter a sua participação no negócio, vendeu o carro por meia dúzia de tostões e ainda viu o seu indomável veleiro zarpar com outro dono para o mar alto.

Com o que poupou durante os últimos meses, comprou um bilhete de comboio para Marraquexe. Desesperado, percorreu ruas, vielas e becos em busca de um sinal de esperança. Mas ninguém ouvira falar num tal de Levin e numa atraente mulher de tranças cor de ouro. Frederic regressou a Casablanca destroçado. Obrigava-se a caminhar até ao Golden, diariamente, e quando ninguém o abordava com rumores falsos sobre Levin, ele cantarolava tristes temas melancólicos. Até que, num dia soalheiro como outro qualquer, Frederic deixou de se ralar com Levin. Não porque o raio do cozinheiro tivesse aparecido, mas porque tinha encontrado o homem certo para resolver os seus problemas.